

## **Em tempos tão difíceis, é possível construir uma Cultura de Paz?**

A Paz é um assunto popular, especialmente no final de cada ano. Ela sempre figura entre os votos que desejamos aos nossos entes queridos e que queremos para nós mesmos. Ela é o objetivo que tantos buscam para si, para suas famílias e comunidades. A Paz é tão importante em nossa cultura, que nos vestimos de branco para simbolizá-la, como quem quisesse atraí-la supersticiosamente. Não raro, ela é um dos pedidos que mais se faz em orações, para que nos seja dada.

É louvável conservar um senso de religiosidade, se percebendo uma parte menor ligada a um todo maior. A religiosidade e a fé são defesas poderosas contra o pessimismo e o desespero. Porém, como se trata de um fenômeno complexo, envolvendo tantas partes diferentes, não existem soluções simplistas. A paz exige mais que isso: ela precisa ser cultivada.

É comum que pensem que a paz esteja condicionada ao enfrentamento da violência. Por isso, acreditam que a paz seria o produto da intensificação da repressão contra crimes, com mais policiais nas ruas, e de penas mais severas, que coibissem os atos violentos. Outra importante via de enfrentamento à violência é a redução dos bolsões de pobreza. Não é razoável associar pobreza à violência, uma vez que esse fenômeno, sob as mais variadas facetas, encontra-se igualmente distribuído por todas as classes sociais. Porém, a privação de oportunidades, perspectivas e de direitos básicos como saúde, saneamento, educação e lazer criam um solo fértil para a violência.

Por mais que aperfeiçoemos nossos meios de justiça criminal, não haveria sempre a necessidade de vigiar e punir os infratores? E, por mais combatêssemos os bolsões de pobreza, assegurando condições dignas a todos, o que faríamos em relação às inevitáveis frustrações da vida decorrentes dos grandes ciúmes, invejas, tédios, falta de propósitos, raivas e rancores? Haveria possibilidade de paz duradoura assim?

Para obtê-la, a paz precisa ser construída ativamente. É preciso ensinar a paz. Se a violência é um fenômeno exclusivamente criado pelos seres humanos a paz também o será. Educar para a paz é, desde cedo, ensinar a identificar, regular e dialogar abertamente sobre as emoções, a pensar coletiva e cooperativamente em busca de soluções criativas que atendam às necessidades de todos, a partir da consciência de que todos estamos conectados; é aprender a transformar conflitos em oportunidades de honrar e promover a vida em todas as suas expressões.

Assim, a Inteligência Relacional, pioneira na sistematização de conteúdos de Educação Emocional e Social acredita que conceber um sistema educacional que reúna o que há de melhor nas diversas linhas de pensamento pedagógico, para seres complexos, que integre suas dimensões instintivas, emocionais e cognitivas, representa mais do que uma tentativa de resposta a atual crise dos sistemas de ensino. Representa a possibilidade de nossos descendentes serem mais sábios e bondosos do que nós, e assim, saibam viver em paz com suas próprias emoções.

A Educação Emocional e Social é um processo educativo, regular e permanente, que busca desenvolver consciência, autonomia e regulação emocional. Com ela evitam-se

situações de estresse, uso e abuso de álcool e drogas, depressão e violência por meio do desenvolvimento da concentração, da tolerância, da autoestima, do aprendizado de competências socioemocionais e habilidades para solução de conflitos. Tudo isso gera melhoria da relação consigo e com o outro e, conseqüentemente, uma sociedade mais pacífica.

**Fonte:** [Inteligência Relacional](#)

Postagem autorizada por Franciele Aurélio – franciele@inteligenciarelacional.com.br